

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 17 de Fevereiro de 1856.

N. 2

LITTERATURA.

◉ cemiterio.

Viandante, parai: não vedes essas alvas paredes que rodeiam aquelle sem numero de cruces, e de catacumbas? Pois ahí estão gravados os nomes dos que deixaram n'este mundo, um coração que lhes fosse agradecido. Curvai-vos e entrai: vedes agora este silencio mortal, esta solidão immensa, esta immobildade eterna, e este vapor empestado que exalam continuadamente quasi todas as sepulturas? Este lugar é a habitação da dôr; ao que os homens chamam cemiterio.... oh! é uma palavra que causa peiores frialdades que a das lousas que encerra!

Vês esta cruz preta, armada com uma grinalda de saudades, e molhada pelas lagrimas? pois bem; esta é a cruz do pobre, a mais santa, a mais humilde, a mais justa, e a que deve caber a todo o homem christão, não só porque devemos occultar o ultimo jazigo, como porque mais depressa volvemos ao do que fomos feitos; mas esta cruz é á que menos attenção se dá!...

Volta-te, e olha para esses mausoléos de marmore com epitaphios dourados; ahí se acham sepultados os ossos dos ricos e dos nobres; mas ahí não vês saudades nem lagrimas. Ainda depois de mortos os seus parentes ou herdeiros querem mostrar o que elles foram; como se com a riqueza da sepultura podessem comprar o repouso eterno! Mas o pobre, esse não! esse orna a cruz, unico signal da sepultura, estando um pai, uma mãe, ou aquellã que tinha de ser sua consorte; de joelhos com os cahellos cahidos passa horas em oração; depois levanta-se, volta, e seu andar é compassado e firme. De noite vai como em romaria, entra, atravessa os estreitos caminhos, nada o atemorisa, faz sua oração ao clarão da lua, e volta sosegado.

Mas é chegado o dia de finados.

Ahí se amontoam homens e mulheres de todas as classes. Essa multidão entrou, percorre, vê, sahe e muitos d'elles nem signal de tristeza trazem em seus rostos; mas seu andar é incerto; tremulos, e a cada passo voltam espavoridos a cabeça, julgando trazer atraz de si a caveira d'algum parente deitado ao esquecimento! Perguntai-lhes; qual o motivo d'esse terror que os acompanha até á sepultura? não vos saberão ou quererão dizer; mas pensai. Tens visto muitos d'esses homens, que durante quasi toda a sua vida procuraram ajuntar riquezas, e que estivessem nas vespersas da morte, o que n'estas occasiões se passa ao redor de seu leito, ou no interior de sua casa? Seus parentes, ou herdeiros em vez de procurar dar vida ao enfermo; estimam que mais depressa finde, em vez de chegar-se á imagem de Christo para rogar-lhe pela alma, estão engolfados em lautos manjares e em abominaveis orgias!... esses então, se por acaso entrão em um cemiterio; sahem espavoridos e o remorso de seus peccados lhe rala o coração, deve pois ser isto um d'esses motivos; mas pensai ainda: ide examinar a educação que se dá aos innocentes; vereis, que entre os pobres haveis d'encontrar as creanças creadas por suas proprias mãis; essas, quando o innocente chora, não o assustam com visões, etc., mas os que são ricos entregam seus filhos, o fructo de seus amores, á uma ama para alimental-os; se o innocente chora assustam-o com visões; fazendo barulho e dando-lhes a entender, que é uma cousa occulta que as póde devorar; apodéra-se um terror da creatura, que a torna fraca, e mesmo ainda depois de homem temem de qualquer cousa em lugar escuro; em uma mesma igreja; ou se acaso é necessario ir a um cemiterio, ou dormir em casa com algum defunto, seria mais que sufficiente para terem algum susto que os tornasse ou aleijados ou mesmo lhes sobreviesse a morte!... por isso póde ser isto uma das causas.

Oh! mas os homens devem pensar, nós não somos nada, assim que o sopro da vida se desli-

sa no corpo. O que fica na terra, é mesmo terra; a alma não volta; para que pois então temer o entrar deshoras em um cemiterio, ou dormir ao pé d'um defunto?...

Terror vão!... Armai-vos com a consciencia pura e o coração votado á oração, e entrai em qualquer cemiterio; ajoelhai-vos ao pé da cruz mais simples, regai-a com vossas lagrimas orando pela alma do defunto, e pela d'algum vosso parente, e vereis como sahis com o corpo alliviado, o pensamento menos preocupado e arrependido de vossos peccados, e terá desaparecido de vossa imaginação esse terror vão que não podieis explicar! porque um cemiterio é a habitação da dôr.

JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

(*Mathilde.*)

A SEU QUERIDO PAI

O Sr. Faustino José Rodrigues Pinto

Em testemunho d'amor, saudade e respeito

O. D. e C.

O AUTOR.

Meu Pai.

A duas mil leguas da saudosa terra da patria, longe de tudo que me podia tornar a vida clara; eis o que vos posso offerecêr, senhor. A offerta é mesquinha, mas o pranto que hei vertido sobre ella, torna-la-ha significativa; e tenho convicção de que a recebereis no vosso coração de pai com os affectos, que só sabe sentir o auctor de nossos dias.

Em troca d'esta pobre offerenda abençoai-me, ó meu querido e extremoso Pai!

Rio de Janeiro, 16 de Fevereiro de 1856.

I

UMA EXPLICAÇÃO A PROPOSITO.

Je regard le suicide comme la violation de la plus saint des lois qui régissent l'humanité.

MARQUEZ DE FOUDRAS.

A minha predilecção pelas margens do Douro, leva-me a preferir este a qualquer outro lugar para descrever um episodio da minha vida—uma scena que tenha relação com ella. Esta predilec-

ção, esta tendencia intima e pronunciada, tornar-se-lia desculpavel, se attendermos a que fôí n'essas margens que se deslisou a minha infancia. O murmurio das mansas ondas do rio, emballou-me por muitas vezes. A' sombra das arvores que o guardavam escutando o canto dos passarinhos, aspirando o perfume agradavel das flôres selvagens, recebendo enfim nas rosadas faces d'então o leve sopro da briza — vivi por muito tempo feliz... mas essas venturas, recordadas agora, fazem-me voltar ao que fui, e o presente—e a realidade a esquecer-as bem depressa.... Assim, pois, não será d'extranhar que eu vá mais uma vez transportar os leitores ás margens do meu poetico Douro, e fazel-os assistir commigo ás scenas que tenho, não como deveria, de esboçar n'esta historia.

Rio, 8 de Fevereiro de 1856.

A VISITA.

Por uma bella tarde do mez de Dezembro de 1846, tres humens a cavallo, e os quaes, pela poeira que cobria suas roupas, parecião vir de longa viagem; pararam no caes da Regua, apeando-se bem depressa. O que vinha na frente, e que montava um bello cavallo de raça Andaluza, era um homem de 38 a 40 annos, de estatura mediocre, mas um tanto obeso. Nada de notavel possuia em seu rosto, a não ser dous olhinhos pretos tão vivos, que parecião querer abranger de um golpe os objectos em que elle os fixava. O seu nariz pequeno e arrebitado dava-lhe uma semelhança de galgo, e para que nada faltasse a esta phisionomia, que apesar de pouco espirituosa, causava desconfiança, duas faces rechonchudas e coradas, indicavão que o nosso viajante trocariá um throno por um abundante e bem servido jantar, ou por uma lauta e appetitosa ceia. O seu traje era simples mas decente; compunha-se de um *paletot* de panno preto, collete de fustão branco, e calça de casemira de côr. O laço de seu lenço preto de pescoço, tinha algum tanto de pretencioso, o que não estava em analogia com os collarinhos de sua alva camisa, ponteagudos, e que tocando-se nas extremidades parecia pôr em apertado cerco o seu queixo adornado de uma barba de um louro bastante pronúnciado. O viajante que precedia aquelle de que acabamos a resenha, indicava ter a mesma idade; quanto ao resto offerencia notavel mudança. Quanto o primeiro tinha de baixo e gordo, este tinha d'alto e

magro. A sua phisionomia, á primeira vista, era um tanto severa para não dizer repugnante, mas observada com attenção, conhecer-se-hia que essa severidade era apparente; e que encobria um fundo natural de bonhomia e franqueza, sempre disposto a brilhar. Trajava exactamente como o primeiro, com a differença de que, pelo laço de sua gravata, conhecia-se que este homem não consultava muito o espelho.

O terceiro e ultimo dos viajantes, era um mancebo de 22 a 24 annos, vestido ao ultimo gosto, e o qual possuia um d'esses rostos sympathicos, alegres e vivos, promptos a zombar de tudo, mas a sensibilisar-se algumas vezes. Os tres viajantes forão n'um momento rodeados de uma chusma de barqueiros, que, porfiavão em passal-os á outra banda. D'entre elles um se tornava notavel por seus gritos e accionados; tinha-se *filado* ao viajante gordo, e parecia resolvido a não o largar em quanto não visse seus desejos satisfeitos. Impaciente por esta scena, meia seria e meia burlesca, o nosso viajante exclamou, com voz rude e forte: « Deixem-nos, canalha diabolica! d'esta maneira não embarcaremos hoje. » E como visse que o barqueiro teimava em não o deixar livre, fez um esforço violento, e pôde sahir das mãos do seu brutal perseguidor. Com seiscentos diabos! gritou elle, respirando com força, mais dez minutos de luta, e morreria asphixiado! Aquelle que tiver o atrevimento de tocar-me, tomará medida a este cacete, continuou elle, brandindo um pequeno e delgado páo de carvalho. O barqueiro não era homem que se declarasse vencido com duas razões, por isso, resolvido a empregar toda a sua logica, aproximára-se do mancebo, que, á alguns passos da scena, sorria-se todas as vezes que o viajante gordo se formalisava. Embarque commigo, Sr. doutor, dizia o barqueiro, V. S. conhece-me já, e sabe que a minha barca é sufficiente para passar tudo a um tempo. Meu tio, disse o mancebo aproximando-se da primeira victima, que olhava para o rio assoviando com todo o socego; façamos a vontade a este bregreiro; embarquemos, porque a noute aproxima-se. E com effeito, o sol ia escondendo-se pouco a pouco, e parecia que a noute, avisinhando-se, disputava um pequeno raio avermelhado que o sol projectava no rio, nas margens e nos montes pitorescos d'esta parte do Douro. Embarquemos pois, respondeu o viajante a quem o doutor se dirigira; porém, continuou elle, fallando com o barqueiro; agradece a meu sobrinho a maneira

amigavel porque terminou este negocio. A não ser elle a minha *bengala* trabalhava hoje.

Fraco meio de defeza, respondeu aquelle sorrindo-se maliciosamente. Queres experimental-a? Dispenso, Sr., atalhou o barqueiro, puxando a barca para a prancha, e convidando os viajantes a entrar.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Fragmento de uma carta.

MEU IRMÃO. Ha momentos na vida do homem, em que o pensamento, abrangendo d'um só relancear d'olhos esse espaço immenso, a que se chama terra, vae fixar-se nos objectos que lhe são charos, e que estão bem longe d'elle. Succede-me isto, quando as decepções da minha vida commercial me sepultão n'essa melancolia profunda, que nos obriga a esquecer, por um instante, do que somos, e do que existimos.

Foi n'um d'esses momentos, e quando pensava em ti, meu irmão, que me procuráram para entregar-me um maço de papeis que tinhas remettido ao Sr. A. N. de Castro. Não sei porque presentimento, disse eu, que era alguma cousa tua que ali se occultava. Abri, e achei alguns Jornaes. Confesso-o, não esperava por uma tal surpresa: julguei que seria outra cousa, porque sabes que os Jornaes, principalmente os *politicos*, não me occupam as horas vagas. Com tudo, obedecendo a uma voz secreta desenrolei ao acaso uma d'essas folhas, e li — *A Saudade*, publicação litteraria e instructiva. Bom, disse eu, o nome indica alguma cousa, vejamos o resto.

Percorri com os olhos algumas paginas, não esperando que a mais agradável das surpresas me estivesse preparada. Li o teu nome sob um artigo que tem por epigraphé — *Physiologia do Casamento*. Compreendes a avidéz com que eu procuraria ligar áquelle os outros artigos. Li, toruei a ler, e reflecti por fim. Pobre rapaz, disse eu mentalmente, bem cedo principiaste a trilhar uma carreira espinhosa e difficil; se não ligares á tua occupação a importancia que merece morrerás de fome.

Camões, Tasso, Bocage, Francisco Manoel e muitos outros tiveram por mortalha um triste lençol; o tu, pigmeu a par d'elles, não esqueças que esta terra tão boa para dar filhos uteis, é parca para alimentar-os... Foi esta a primeira impressão, passou bem depressa, devido isto talvez á volubilidade de meu character.

Comquanto não tenha a honra de conhecer nenhum dos mancebos, que illustram a *Saudade* com seus estudos litterarios e instructivos; peço-te que lhes faças sciente de que a sua nobre empreza despertou aqui um sentimento bem doce e agradável. Todos queriam ler, todos desejavam identificar-se com os pensamentos d'amarga saudade que nutris longe da patria; e depois de um momento de reflexão disseram commigo:

«Somos todos Portuguezes!... aquelles que foram forçados a deixar a patria, dão-nos um nobre e edificante exemplo d'amor ao paiz, em que nascemos; unamo-nos todos e procuremos minorar-lhes d'aqui as saudades que alimentão por elle.

Porto, 10 de Janeiro de 1856

J. R. PINTO.

Paginas intimas.

II

O SOLDADO.

Houve um dia em que a Patria afflicta e perseguida pelo estrangeiro, gritou com voz plangente — ás armas, meus filhos! Eu habitava no campo. Os eccos longiquos, de valle em valle, de planicie em planicie forão aproximando-se, e chegaram até mim claros e distinctos. Escutei-os com o coração pulsando de prazer. Era chegado o momento em que eu podia provar á Patria o amor que lhe votava do intimo d'alma. Dito e feito. Vamos, disse eu, que importa que as plantas murchem á falta de cuidados e disvelos? Que importa que a terra brote cardos em lugar de flores, se lá ao longe ha uma mãe afflicta e desolada que precisa de todos os seus filhos?! Dizião-me os visinhos: Para que te vaes expor a morrer d'uma bala, se podes viver entre nós esquecido d'aquillo que não diga respeito a Deos, á tua familia e ás tuas terras? Calem-se ahí! respondi eu; vocês são uns imbecis e uns egoistas; e bem longe estão de pensar o quanto o amer da Patria póde fazer-nos olvidar de tudo, alem do Creador! Elles sorriram-se com desdem, e redarguiram: Não sabes o que dizes; a guerra é boa para os grandes. Ambiciosos das honras e dignidades, fazem de nós escadas para subir mais alto; e esquecem bem depressa os serviços que lhes prestamos. Se voltares ferido e impossibilitado de trabalhar, não serão elles que virão dar-te o pão de cada dia. Todos fallavam, condemnando a minha resolução. Entreguei-os ao desprezo que

mereciam, peguei na arma, e fui encorporar-me nas fileiras dos bravos da Patria. Em breve souo o canhão! *Caramba!* disse eu ás primeiras descargas; o negocio é mais feio do que pensei. Historias! Vinha uma bala, passava-me zunindo perto dos ouvidos, e dizia eu: Deos te leve a salvamento para bem longe! Vinha outra... *trás...* lá cahia um. Lançava-lhe um olhar a furto; se conhecia que a *negra* estava com elle ás voltas, balbuciava um *Padre Nosso*, e marchava para a frente. Habituei-me em pouco tempo ao stridor do canhão, e ao sybillar das balas. O cheiro da polvora não me embriagava mais--- tornara-se-me agradável. E o meu capitão, valente homem, por minha fe! gritava: Fogo, fogo n'esses *perros!* Ah! Ah! exclamava eu; isto sim... isto é mais bonito e pittoresco do que a tal monotonia campestre. Aqui não se descansa um momento; come-se com o olho no inimigo, e dorme-se abraçado á *magra companheira!* E aquelles imbecis dos meus visinhos aconselhando-me que ficasse em casa! A d'elles será invadida pelo estrangeiro, suas mulheres insultadas, e suas filhas pagarão um tributo infame. Entretanto que eu, cantando e rindo ao mesmo tempo, posso saciar a minha raiva no corpo d'estes malditos, e fazer-lhes pagar caro a ousadia! Para a frente sempre! Oh lá, canarada, gritava o meu capitão, não vás tão depressa — espera um pouco; olha que para morreres tens muito tempo! Qual! erão palavras que o vento levava. No fim da batalha elle aproximava-se de mim, apertava a sua mão delicada na minha calosa e pesada, contemplava por um momento o meu rosto tisonado com o fumo da polvora, e sorrindo-se com bondade perguntava-me: Quantos calculas que cahiram sob a tua pontaria infallivel? Não sei, meu capitão, mas parece-me que não menos de cinco fôrão ao diabo! Ah! o fogo em campo raso é o meu elemento! Gosto de ver manobrar a um tempo a cavallaria, e de ouvir o commandante: Carregar á esquerda! avançar pelo flanco! formar quadrado!... Depois os fogosos animais levantarem as patas, e offerecerem seus membrudos peitos ás bayonetas inimigas! E os caçadores, deitados e arrastando-se como a cobra! E os granadeiros na frente d'um batalhão obedecendo com calma á voz de fogo! E a artilharia, cobrindo a rectaguarda e cumprimentando o inimigo como o não fará nenhum d'esses *casacas adamados e esticadinhos*, rendendo finezas á senhora Dona *Fufia!*... Ah! por minha fé, isto é bello, nada ha que possa compa-

rar-se á guerra !... Depois lá veio um dia em que o meu batalhão fez proezas. O nosso General, montado no seu brioso corcel, passou na frente d'elle, e disse ; Obrigado, rapazes ! fizestes o vosso dever ! E digão se isto não é mais eloquento e expressivo do que os taes cumprimentos de — minha senhora, eu tenho a honra de depôr a vossos pés os meus humildes e respeitosos cumprimentos — Ou este — Minha senhora, dou-vos os meus sinceros parabens ; cantastes divinamente ; os anjos não o farião melhor ! Ah ! *bonecos dos salões* ! se, como eu ouvisseis o cantar das balas, eu queria ver se vos occorria cumprimentar a senhora *dona espingarda*, e o Exm. Sr. *dom canhão*, &c., &c. O nosso General cumprimenta com mais graça e menos palavras. E com que distincção elle parou na minha frente, dizendo : Sargento, recommendo-te que trates melhor as tuas divisas ! Eu olhei espantado para as mangas da minha fardeta.... nada.... estavam lisas e.... De que divisas fallaes, meu General ? Das tuas divisas de primeiro sargento. Mas com mil bombas ! eu não sou ainda anspeçada como posso ser sargento ? ! Anda lá, bem me entendes, mas a tua modestia.... Então sou sargento, Sr. ? A' manhã quero ver-te nas fileiras como tal. Viva o meu General ! gritei eu enthiasmado. E logo quatrocentas grandes bocas me imitarão, e no dia seguinte eu apresentava-me na fórma todo orgulhoso e empavesado !... Que pena ! Acabou-se a guerra, nada mais de batalhas ; e eu.... eu hei de voltar a casa, quando contava passar toda a minha vida na campanha, gritando :

Viva a Patria ! — sou Portuguez,
Pela Patria morrerei,
E nem a cem d'estes *perros*
As costas eu voltarei !

Mas que remedio ! Eis-me a fazer cruces na boca, e marchando em procura da minha choupanha, da qual sahi alegre e cantando, e onde volto triste e chorando. E os meus visinhos ! Ficaram com inveja. A minha casa foi respeitada, achei tudo no mesmo estado ; era sargento de caçadores, tinha uma fita no peito, ganha no campo da honra.... e era Portuguez !... Está decidido, não ha tributo algum que se compare com aquelle que pagamos defendendo o paiz em que nascemos. E' por isso que eu gritarei sempre !

Viva a Patria !...

Fevereiro 16 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

POESIAS.

O Africano.

Em minha terra contente
Eu vivia livremente
Em placida condição ;
Porém o fatal destino,
A sêde d'ouro maligno,
Reduzio-me á escravidão !

Que bello tempo passava !...
Com os meus irmãos brincava
Pelo espaçoso areal ;
Que vezes minha mãe vinha
Nos chamar, pois medo tinha
Do cahir do temporal.

Ai tempo de mil folguedos,
Em que brincavamos ledos,
Sem no futuro pensar !
Em que cheio de flicidade
Eu tomava a liberdade
De minha mãe abraçar !...

Oh ! era tão minha amiga,
Pois me consolava a vida
Se me sentia penar !
Se me via pensativo
Procurava o lenitivo,
P'ra minha dôr mitigar.

Mas ah ! quem me dera agora
Se isso possivel me fora
Adivinhar teu viver ;
Se tu pudeste animosa,
O' minha mãe desditosa,
O fatal golpe soffrer.

Mas tambem a minha sorte
Inda é peor do que a morte ;
Tenho absoluto senhor ;
Que me opprime com castigo,
Em lugar de algum abrigo
Acho barbaro rigor.

Pensais, homem poderoso,
Que em ferir ao desditoso
Podereis ganhar os céos !...
Oh ! é completa illusão,
Que escravisar um irmão
Não mandou esse bom Deos.

Pois assim vós procedendo
Vai o bom senso dizendo
Que só o barbaro sois vós ;
Porém o crime occultando
E as liberdades roubando
Barbaros chamais a nós !...

Vôa o rouxinol contente
Pelos ares livremente,
E depois se vai pousar
No tronco de algum salgueiro
Onde alegre e prazenteiro
Logo começa a cantar.

E eu escravo !... oh !... ouro... ouro !...
O christão imita o mouro
Movido por teu poder !...
Quem deseja n'esta vida
A sua patria tão querida
E a liberdade perder ? !...

E dizeis que sois humanos,
Quando apenas sois tyranos
De vossos mesmos iguaes ! !...
Se no meio dos rigores
Zombando de suas dores
Cruelmente os castigaes !...

Vai, ó brisa encantadora,
Mui ligeira e seductora
No teu brando murmurar,
A' minha terra querida
Esta saudade perdida
No seio d'ella abrigar.

Vai, minha brisa fagueira,
Minha fiel mensageira,
Minha só consolação ;
Vai, porque já sinto a vida
Abrir-me nova ferida
No magoado coração.

Vai, ah !... vai, pois que voltando
Estes sitios bafejando ;
Te não poderei saudar
Por que sinto a desventura
Já me abrir a sepultura
Para n'ella me occultar.

A minha mãe tu não falles,
(Se fôr viva,) d'estes males
Nada d'isto lhe dizei,
Guardai bem este segredo !...
Que ella o saiba tenho medo,
Minha brisa, adeus !... correi !...

Fevereiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Já te não amo....

Já não tem graça as branquinhas
Lindas conchas pequeninhas
Que apanhámos n'esse mar !...
Pela arêa, ambos jogá-las,
Correr depois a apanha-las,
Foi d'outro tempo o brincar.

Já não tem graça-essas flores
Que colhemos nos redores
Que viram o teu nascer !...
Nem brinquedos innocentes
Que passavamos contentes
Pelos campos a correr.

São reliquias sem ter preço
D'uma estima : — e qué careço
Da minha mente apagar,
Juras, protestos, mentiras,
Affagos, arrufos e iras....
Precisão tenho em lembrar ? !

Amei-te, soffri... cobarde !
Que não vinguei-me ! pois tarde
O meu erro coneci....
Por de mais era julgar-te
Castigo quizera dar-te
Igual ao que soffri.

Fugir-te, sim, esquecer-te,
 Não amar-te, e vir dizer-te,
 Meu amor foi zombaria !
 A vingança eis que tomei,
 Inda que p'ra mim bem sei
 Que do peito te mentia.

Ahi razão, e vontade
 Senti-a em rivalidade
 P'ra te amar ou não amar ;
 Mas a final eu venci,
 Má vontade, e resolvi
 Pela razão te humilhar.

Não amo mais Idalina...
 Apagou-se essa divina
 Esp'rança do meu porvir !...
 Foi uma estrella surgida
 No céo d'anil, e cahida
 Para nunca mais luzir !!!

Setembro de 1855.

J. J. B. DE CASTRO.

A sua Imagem.

*Nihil majus, meliusve terris
 Fata donavere, bonique Di:
 Nec dabunt; quamvis redeant in aurum
 Tempora priscum.*

HORAT.

Tem decorrido já bastante tempo,
 Depois que vi seu rosto.
 Tornado a vê-la já cem vezes tenho
 D'esde esse fausto instante.
 E se o fado me véda o contemplal-a,
 Consulto-lhe a imagem n'alma
 Que nem dormindo d'ella se olvida.
 Fascina-me essa belleza !..
 Cada instante da existencia minha,
 Consagro-lh'o.... sou d'ella !..
 Bem quizera pintal-a, mas Amigo,
 Nem descrevel-a posso.
 Onde os pinceis, onde o cinzel, as côres
 Encontrarei condignas ?
 Junto da minha Bella empunho a pluma
 P'ra descrever-lhe as Graças !
 N'ellas absorto desfalleço, e cahe-me
 Da convulsiva dextra....
 Não sei senão amar.... em tanto extremo
 Reconhecer é facil
 O terno coração, ó terno Amigo,
 De Lidia a formosura.

SERPA PINTO.

VARIEDADE.

A emigração dos passaros.

(AO VOAR DA PENNA).

De todas as minhas queridas recordações da infancia, ha uma que ficou tão profundamente impressa na minha alma que já agora creio só a terra da sepultura a poderá apagar.

Era eu ainda muito creança, mas já estava entregue aos cuidados de um veneravel sacerdote, que accumulava em nossa casa as funcções de capellão e professor. Esse levita, cuja alma repousa ha muito tempo no seio de Deos, como o corpo de ha muito deve estar consummido pela terra, de certo era poeta, não como eu então suppunha que era o poeta, um fazedor de linhas curtas e cadenciadas, mas um poeta mystico, um poeta de imaginação e coração como eu hoje imagino que deve ser o poeta, o sacerdote social, o Licurgo da moral, o Cícero da tribuna, o Phocion do jornalismo, o Jupiter da imprensa.

A vida d'esse homem causava a minha admiração, quando creança, e depois de homem feito, ao recordar e combinar muitas scenas do seu viver, do seu scismar, do seu rir de victima resignada, considero sua vida como um poema, como um drama, como se um d'estes cataclysmas de coração, cujas peripecias, cathastrophe ultima se vem a cifrar na toga negra do sacerdote, ou na roupeta cinzenta do monge.

Uma das circunstancias que ainda hoje me impressiona é como eu, creança de dois lustros, sympathisava com esse homem triste, resignado, e meu professor, o que quer dizer inimigo nato de um pupilo. Em quanto elle rezava no seu breviario, que era quasi sempre na sacristia da ermida da nossa herdade, eu esperava-o no pequeno adro, espraçando os olhos pela extenção do mar, descortinando ao longe os navios que da Europa seguiam para a America:—estas scenas passavam-se n'uma das ilhas dos Açores, minha terra natal, n'uma d'essas ilhas, que Chataubriand comparou a um açafate de flores, boiando na largueza do oceano.

Quando elle acabava de rezar o officio divino era quasi sempre ao declinar da tarde. Então tomava-me pela mão, como um terno pai, viuvo de poucos dias, pôde tomar a mão do seu filho primogenito; e seguiamos para a encosta d'algum

morro, ou para o pincar o d'alguma rocha, mas sempre para logar, d'onde se desfructasse e gossasse o espectáculo do mar.

Ahi, assentados sobre a relva, sobre o musgo, ou sobre as urzes resequidas passavam-se largas horas, em que nem elle fallava, por que pensava muito, nem eu perguntava cousa alguma, por que presentia, mas não avaliava aquella magestosa serenidade d'alma, aquella eloquencia muda, que só comprehende a alma, que já foi baptizada no Jordão do infortunio.

N'um dos ultimos dias do verão, e aos primeiros sopros enregelados do outono, quando já as folhas amarelladas juncavam o chão, e as arvores iam a tomar esse aspecto tristonho, que familiarisa o europeu com a ideia da morte, e os torna meditativos, faziamos nós uma das nossas costumadas romarias ao promontorio da meditação, então da banda do mar descobrimos uma nuvem de passaros, que, corridos por uma tempestade proxima, vinham pousar e abrigar-se em paragem hospitaleira.

O pio tristonho d'essas aves, essa especie de gemido, que a canceira de tanto voar lhes fazia soltar, ainda hoje me contrista o coração: imagine-se a impressão que então me causou.

Com o coração a arfar de anciedade ousei dirigir a palavra ao meu director, perguntando-lhe o que tinham aquelles passaros, que em vez de cantar, como os outros que eu conhecia, pareciam gemer e chorar.

« E' porque são *passaros emigrados*, me respondeu o veneravel sacerdote. São passaros da America, que, corridos pela tempestade, vem para aqui com o instincto de melhorarem de sorte, e depois voltarem ao ninho, e ás florestas onde nasceram; e onde adejaram os seus primeiros vôos. »

Voltamos para casa, mas em toda a noite, que se seguiu, echoava-me no coração os pios tristonhos d'esses *emigrados* de envolta com o trinar mavioso e alegre dos canarios e das toutinegras da minha terra natal.

Dias depois voltamos ao lugar aonde tinha aportado a colonia dos emigrantes: o espectáculo que então presenciei sinto-o ainda, mas não posso descrevel-o. Os passaros estavam em grupos apartados, outros solitarios a gemer, outros mortos, e de pouco a pouco dos galhos das figueiras pretas esses corpos ageis cahiam pezados pelo regelo da morte. « Eis ali, disse com explosão e detonação de voz o meu veneravel director, eis

ali ao que nos conduz a ambição de buscar a felicidade longe do lugar aonde nascemos, e onde Deos nos collocou. Estes desgraçados, por causa da tempestade, abandonaram as suas florestas nataes, e aqui vieram encontrar a morte, e uma morte angustiada.

« Ahi estão elles a definhar-se e a morrer, por que este céu não tem écho para os seus cantos; aqui não lhe sorri essa natureza magestosa dos prados, das arvores, dos regatos, da athmosphera perfumada, onde nasceram, e onde ensaiaram os primeiros vôos.

« Feliz do que acredita que o sol nasce no principio da sua aldêa, e se esconde no fim d'ella: feliz do que acredita que a sua igreja rural é como a igreja aonde celebra o successor de São Pedro, e que o resto dos homens pensa e obra com a mesma simplicidade que elle e os seus vizinhos pensam, e obram. »

Ha mais de vinte annos, que teve lugar esta scena: senti-a, mas não comprehendí o alcance das palavras do bom sacerdote.

Com a idade fiz-me homem, e este homem foi como o passaro emigrado. A ambição litteraria, como a outros a ambição das riquezas, arrancou-me do açafate de flôres, levou-me para longes terras, fez-me conhecer varios homens de varios pensares e varios habitos, conheci que a igreja rural em que me baptisára era uma mediocridade; á vista das basilicas, conheço que o mundo é extenso, que o sol alumia milhões de mundos; mas a sciencia tem fructos amargos.

Não vos conheço bastante, meu leitor, para me animar a fazer-vos a confidencia de qual o meu sentir sobre a minha ignorancia de então ou a minha pobre sciencia de hoje, qual a felicidade e paz da minha aldêa natal em comparação o viver agitado, e mundo largo, em que ao depois me atirei e onde vivo.

Lede-me outra vez. N'este artigo, *ao voar da penna*, encontrareis alguma cousa de intimo e secreto, que talvez diga respeito á vossa situação.

Os passaros emigrados são uma realidade no mundo moral. Como o passaro, que abandonou a sua floresta, é o desventurado que largou a querida terra da patria.

R. D'A.